
Reler os clássicos: a noção de reportagem fotográfica em obras referenciais sobre jornalismo¹

Saori Honorato²

Rafael Schoenherr³

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR

RESUMO

O artigo opera revisão bibliográfica com base em textos referenciais e gerais ou abrangentes sobre a atividade jornalística, procurando aí reconhecer o espaço e a concepção dedicados ao papel da fotografia, do repórter fotográfico e do fotojornalismo. Trata-se de visita à literatura instrucional do campo do Jornalismo com vistas a recolher pistas para uma definição ampliada de reportagem fotográfica, capaz de agregar diferentes ângulos ou visadas teóricas e operativas.

Palavras-chave: fotojornalismo; reportagem fotográfica; jornalismo; repórter fotográfico.

A presente reflexão compõe parte do corpo teórico de trabalho de conclusão de curso em desenvolvimento que busca fundamentar um conceito de reportagem fotográfica, a fim de melhor informar e subsidiar operações reflexivas necessárias para a confecção de um produto experimental jornalístico calcado na fotografia⁴.

Um dos movimentos de pesquisa adotado é o que se convencionou aqui denominar de ‘imersão bibliográfica’. Optou-se por consultar livros referenciais e gerais sobre jornalismo naquilo que comentam ou citam a atividade fotográfica. Em paralelo a isso movimentam-se obras mais detidas no fotojornalismo, com vistas a comparações e diálogos possíveis entre o ângulo geral e o específico. Pressupõe-se ou suspeita-se que ambas as perspectivas (abrangente e especializada) contenham aspectos pertinentes para

¹ Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Graduanda em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa, bolsista PIBIS de extensão pelo projeto Lente Quente via Fundação Araucária. e-mail: saorihonorato@gmail.com

³ Orientador. Professor do Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutor em Geografia pela UEPG, mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos e graduado em Jornalismo pela UEPG. e-mail: rschoenherr@uepg.br

⁴ Projeta-se a elaboração de reportagem fotográfica sobre impacto dos crimes de feminicídio ao cotidiano de familiares das vítimas em Ponta Grossa (PR).

uma definição de reportagem fotográfica, reconhecendo a fotografia como jornalismo e também suas especificidades informativas em relação a outras modalidades.

Procura-se demonstrar como a definição da fotografia no jornalismo trafega entre: (a) um lugar teórico ou perceptivo de profunda identificação do fotojornalismo com a notícia e valores centrais à cultura jornalística – a foto é tal como o jornalismo; e (b) um outro ponto de vista que especifica variações, condicionantes e potencialidades particulares da fotografia dentro do jornalismo. São visadas que conversam, noções que se cruzam por vezes na reflexão de um mesmo autor. A ideia de reportagem fotográfica vai caminhar da noção de flagrante de um dado acontecimento ao gesto mais documental e interpretativo dos desdobramentos de um fato.

1. RELEVÂNCIA DA FOTOGRAFIA NO JORNALISMO

Importantes pesquisadores, no decorrer de suas obras clássicas sobre a ciência do jornalismo, separam um capítulo ou intertítulo de seus livros para produzir reflexões sobre a inserção da imagem fotográfica na imprensa. A sistematização dos pensamentos desses autores se configura como movimento importante para entender como se deu a implementação da fotografia como linguagem jornalística, suas semelhanças e diferenças com outras linguagens, e suas características principais.

Autores brasileiros como Juarez Bahia (1990), Luiz Beltrão (1969,1992), Luiz Amaral (1978), juntamente com o alemão Otto Groth (2011), garantem a fotografia como uma linguagem autêntica do jornalismo, que vai muito além de instrumento de apoio para a simples ilustração de notícias. O trabalho do repórter fotográfico passou a ser tão importante quanto o do repórter de texto. “Ela [fotografia] se tornou independente do texto. Em alguns tipos de jornais e textos ela alcançou a sua supremacia” (GROTH, 2011, p.395)⁵.

⁵ Pondere-se que o autor alemão provavelmente tem como horizonte o caráter ilustrado e graficamente sofisticado das publicações alemãs já no início do século XX, com exploração variada de trabalhos fotográficos, conforme destaca Sousa (2002). Um perfil em muito diferente de outros modelos de imprensa, como o francês, por exemplo. Note-se, ainda, que Berlim torna-se ponto de passagem e aprendizagem ou formação de quadros profissionais que se tornaram referências na fotografia da primeira metade do referido século – demarcando um itinerário comum numa certa geografia do fotojornalismo moderno (SCHOENHERR, 2017).

Para Beltrão (1969), o fotógrafo que trabalha na imprensa é antes de tudo, jornalista. “O fotógrafo que, antigamente, não era senão um auxiliar do jornalista, hoje é jornalista por excelência. [...] O fotógrafo do jornal não é um fotógrafo que atua como jornalista mas um jornalista que atua como fotógrafo” (BELTRÃO, 1969, p. 403).

A fotografia jornalística se distingue da fotografia convencional pelo seu cunho predominantemente informativo (BAHIA,1990; AMARAL,1978), com caráter de questionamento social. “Para a fotografia, o jornalismo procede como um agente – dos mais qualificados – de novas posturas. É mobilizador de mudanças. É deflagrador de rupturas, mitos” (BAHIA, 1990, p.128). Segundo o autor, a fotografia se tornou um dos aspectos técnicos mais relevantes da informação contemporânea “na medida em que o fotógrafo ao captar a imagem combina a referência verbal, transmitindo ao leitor com eficiência a expressão do acontecimento” (1990, p.129).

2. SEMELHANÇAS COM A ESCRITA

Otto Groth cria classificações para delimitar o jornalismo a partir das diferentes práticas desenvolvidas no trabalho dentro da redação, e distingue os jornalistas entre os que trabalham com a palavra, e os jornalistas que trabalham com a imagem (GROTH, 2011. p. 360). Nesta classificação de jornalistas da imagem estão presentes o repórter fotográfico, o ilustrador e o chargista.

O autor defende que o noticiário fotográfico pertence à reportagem jornalística e que como tal, leva em considerações para a sua formulação, inspirações vindas e adaptadas da reportagem escrita. Os quatro conceitos do jornalismo de periodicidade, universalidade, atualidade e publicidade, desenvolvidos por Groth, são base de todas as linguagens jornalísticas, seja ela escrita ou visual. A reportagem fotográfica também precisa considerar o interesse público, contemplar as necessidades e pontos de vista da população (2011, p.398). Ou seja, a reportagem fotográfica é, antes de tudo, nessa perspectiva, reportagem.

3. DIFERENÇAS ENTRE IMAGEM E ESCRITA

Apesar de se basearem nos princípios básicos do jornalismo para a sua elaboração, a fotografia e a escrita se diferenciam nos seus processos de produção, no contato com as fontes e com o acesso a determinados lugares. A câmera intimida e cria uma resistência que muitas vezes não é imposta aos jornalistas da escrita:

Proíbem-se fotos, seja por motivos políticos ou comerciais, seja também por causa do sentimento contra o ser fotografado, seja porque o fotografar seja considerado inadequado no local ou com relação ao tema (GROTH, 2011, p. 396).

Outra diferença apontada por Groth entre a linguagem visual e escrita é o acesso do fotógrafo ao seu objeto, uma vez que linguagem visual depende de um momento único, “em casos raros de um número limitado de momentos únicos” (GROTH, 2011, p. 398).

Amaral (1978) também pontua a diferença entre o repórter de texto e o de imagem.

A diferença de comportamento entre o redator e o fotógrafo está no fato de que o primeiro trabalha com suas impressões para reconstrução da realidade, enquanto o segundo fixa a realidade ao vivo. O resultado final tem, por isso, uma força de emoção e convicção superior (AMARAL, 1979, p. 137).

Ambos os autores sinalizam diferenças no âmbito de produção entre texto e fotografia, logo é necessário um movimento de compreensão sobre as especificidades da fotografia como linguagem jornalística e o que essa linguagem específica exige do repórter.

4. CARACTERÍSTICAS DO REPÓRTER FOTOGRÁFICO

Além de Groth (2011), outros autores conceituados do jornalismo também refletem sobre a utilização da fotografia jornalística dentro das redações. Luiz Beltrão (2006) aponta que é necessário que o repórter fotógrafo possua um senso jornalístico, ou seja, desempenhe um olhar à sua realidade que o force a reconhecer uma situação que tenha valor de notícia e saber captar a ocorrência com precisão. O autor indica como um

segredo do êxito nesta área, o desempenho individual do fotógrafo de se pautar e levar flagrantes e percepções colhidas nas ruas como forma de sugerir novas reportagens e textos-legendas (BELTRÃO, 2006).

Para Beltrão, a fotografia jornalística utilizada no jornal serve para contar uma história e contribuir na compreensão de algum acontecimento noticiado. Ele determina três fatores considerados fundamentais para a produção fotográfica na imprensa moderna: a presteza, o valor jornalístico, e valor artístico (BELTRÃO, 1969).

A presteza se baseia na habilidade do repórter fotográfico em captar a fotografia no momento exato em que o acontecimento retratado se deu. O valor jornalístico é a capacidade de retratar assuntos de relevância jornalística e que sigam a estrutura de uma notícia:

A fotografia de imprensa deve conter os elementos estruturais básicos da notícia pois o QUEM, o QUE e o POR QUE indicarão a significação e a magnitude da notícia; QUANDO indicará a atualidade e o ONDE a sua proximidade. Onde há conflito, violência, romance, aventura, desastre ou realização existe, sem dúvida, matéria a ser apresentada pela imagem (BELTRÃO, 1969, p. 404).

O valor artístico apontado pelo autor fundamenta-se na concepção de uma imagem com apresentação estética, ênfase e proporção, ou seja, é uma necessidade possuir habilidades técnicas para fotografar de modo que retrate o objeto de maneira mais qualificada possível.

Beltrão (1969) também indica as habilidades que um repórter fotográfico deve deter para executar o seu trabalho. São elas a sensibilidade, de encontrar na ocorrência o que é mais relevante de ser fotografado; vigor físico, de conseguir realizar o seu trabalho independente das condições em que se encontre; coragem pessoal, de enfrentar os desafios não apenas físicos mas também psicológicos, de relação com as pessoas; tenacidade, ou seja, paciência e senso de oportunidade; boa memória, lembrar o nome das pessoas que fotografa; e educação aprimorada de modo que consiga negociar com as fontes o acesso para fotografá-las, persuadir e criar uma relação segura.

Para complementar as reflexões feitas por Beltrão (1969), Juarez Bahia também faz apontamentos sobre os deveres do repórter fotográfico: “O que deve condicioná-lo

ao acontecimento é a lucidez e um senso de oportunidade que lhe dê a visão do conjunto” (BAHIA, 1990, p.130). O autor indica que o olhar que o repórter fotográfico empenha à realidade deve ser em busca dos detalhes que não são perceptíveis a outras pessoas, mas que podem virar pauta para uma reportagem fotográfica. É necessária a ‘competência de narração’ (TRAQUINA, 2005) por parte do repórter fotográfico:

Uma pequena coisa pode ser um grande assunto. É assim que a fotografia vê o assunto. Para ela, não é o assunto acabado, pasteurizado pela interferência alheia, que conta. É o pequeno detalhe humano, inocente ou cruel, que muitas vezes se esconde atrás do grande assunto, ou que até aquele momento não era assunto nenhum, não havia sido cogitado ou percebido (BAHIA, 1990, p.131).

5. A REPORTAGEM FOTOGRÁFICA

Na medida em que se transita pelos comentários sobre o fotojornalismo presentes em obras referenciais do jornalismo de modo geral, é possível navegar em direção à concepção do uso da imagem informativa que ultrapassa os registros únicos de acontecimentos do dia-a-dia, para passar a compreender um projeto fotográfico que conte uma história e que resulte em uma legítima reportagem. Como reflete Luiz Beltrão: “Muitas vezes, a simples publicação de uma fotografia vale uma notícia; doutras, uma sequência de fotos constitui autêntica reportagem” (1992, p. 54).

Essa sequência de fotos possibilita uma exploração mais ampla do tema e do contexto em que ele se desenvolve. Bahia (1990) defende que a reportagem fotográfica é um processo que acompanha o acontecimento enquanto ele ainda acontece:

A reportagem expõe os aspectos de um problema, fixa um fato, recolhe impressões. Nela, a solução pode ser uma fotografia feita na fração de segundo ou em horas e dias de espera pelo melhor momento. Apesar de ter a intuição de que fez a fotografia ideal, o repórter continua a fotografar enquanto o acontecimento se desenvolve (BAHIA, 1990, p. 130).

Além de discutir as necessidades pessoais recomendáveis a um repórter fotográfico, Beltrão também reflete sobre a formulação de uma reportagem fotográfica que necessita de uma série de etapas para além do ato fotográfico. Ele enfatiza que o fotógrafo deve se aprofundar em sua pauta, descobrir as particularidades, formas de

acesso, se já foi e como foi retratado tal tema. Para isso, o fotojornalista deve apoiar-se em pilares como: a) comparação, a fim de descobrir como o tema já foi retratado e pensar formas de inovar e fazer diferente; b) a experiência do fotógrafo; c) a oportunidade, estar no lugar certo na hora certa; d) preliminares, cuidar dos assuntos necessários para ter acesso a seu objeto bem como compor, pensar o cenário físico em que pretende trabalhar (BELTRÃO, 1969, p. 408).

A velocidade defendida por Groth como característica da fotografia na imprensa, demarca o limite do uso das contribuições do autor para as reflexões de uma reportagem fotográfica. Os autores citados até agora como Otto Groth, Luiz Beltrão, Luiz Amaral e Juarez Bahia, produziram suas reflexões, em sua maioria, com base na implementação da linguagem fotográfica nos jornais impressos diários.

Com os avanços tecnológicos que facilitaram o acesso a aparelhos fotográficos e com a popularização das redes sociais para transmitir informações, além das transformações nas rotinas de produção das redações jornalísticas, a imagem na imprensa passou a obter uma série de novas características. Já trazidos alguns pensamentos de autores clássicos do jornalismo sobre a fotografia, partiremos agora para autores contemporâneos que discutem especialmente o fotojornalismo.

6. FOTOJORNALISMO

O pesquisador Lúcio Passos (2012) apresenta duas definições para explicar o que é o fotojornalismo. A primeira definição parte de um sentido mais amplo, genérico. “A fotografia como notícia (ou de notícia) é aquela determinada pela atividade que busca uma característica informativa, interpretativa, documental, ilustrativa, estando ligada à produção de informação da atualidade” (PASSOS, 2012, p.27).

A segunda definição entende o fotojornalismo em um sentido mais restrito, fechado:

uma atividade jornalística com vistas à informação, a opinião, à marcação de ponto de vista e produção de conhecimento. É o tipo de fotografia de notícia que se apresenta a partir de um interesse que pode variar de autor ou de órgão de comunicação para outro que pode apresentar algumas características atemporais, como o fotodocumentarismo (PASSOS, 2012, p.27).

Apesar de suas distinções, o autor aponta que ambas definições partem da premissa de que a fotografia é um testemunho de um acontecimento. O caráter documental e permanente que a fotografia carrega vai além do uso informativo, como reflete o pesquisador Elson Sempé Pedroso (2008):

O tempo que a imagem fotográfica permanece à disposição da interpretação racional e profunda é a sua principal qualidade, pois permite que, tanto à própria imagem (materialização do fotógrafo), quanto o sujeito que a interpreta em uma leitura, transcendam a função descritiva e se aventurem pelas complexidades da interpretação do mundo (PEDROSO, 2008, p. 41).

Roland Barthes (2015) critica a fotografia unária, ou seja, fotos publicadas no dia-a-dia da imprensa, com sentido mais previsível ou fechado, remetendo a interpretações mais prontas.

As fotos de reportagens são com muita frequência fotografias unárias. [...] Nessas imagens, nada de puctum: choque – a letra pode traumatizar -, mas nada de distúrbio; a foto pode “gritar”, não ferir. Essas fotos de reportagem são recebidas (de uma vez só), eis tudo. Eu as folheio, não as memoro; nelas, nunca um detalhe (em tal canto) vem cortar minha leitura: interesse-me por elas (como me interesse pelo mundo), não gosto delas (BARTHES, 2015, p.40).

A definição mais restrita do fotojornalismo de Passos (2012) compreende um envolvimento maior do repórter fotográfico em suas pautas, contato prévio com o tema e um planejamento de projeto.

Pode se centrar na possibilidade de o fotógrafo ter previamente um contato com o objeto a ser documentado, caracterizando a existência, inclusive de um planejamento e da manifestação de interesses profissionais acerca daquilo que vai se fotografar. Um exemplo bastante claro desse tipo de fotografia é o documentarismo social de caráter humanista, com aspectos atemporais. (PASSOS, 2012, p.28).

O esforço de classificação das diferentes formas de se produzir dentro do fotojornalismo também é realizado por Sousa (2002), e a classificação que mais se

assemelha com a proposta desse sentido de reportagem fotográfica é o gênero histórias em fotografias ou *pictures stories*. Esse gênero se baseia em “uma série de imagens que se integram num conjunto que procura constituir um relato compreensivo e desenvolvido de um tema. Nesse relato, as imagens devem mostrar as diversas facetas do assunto a que se reportam” (SOUSA, 2002, p. 127).

É o gênero histórias em fotografias ou *pictures stories* que se constitui especialmente como reportagem fotográfica, pois pressupõe um trabalho aprofundado acerca do tema delimitado que resulte em uma narrativa coesa por meio de uma série de fotografias jornalísticas.

As foto-histórias debruçam-se sobre um problema social, sobre a vida das pessoas ou sobre um acontecimento. Não é raro abordar-se um problema social seguindo-se a vida quotidiana que uma determinada pessoa leva. É como converter em fotografias a técnica redactorial que consiste em personalizar o começo de uma história (relatar o que está a suceder a uma pessoa e passar, a partir daí, para a abordagem de uma situação geral) (SOUSA, 2002, p. 128).

Na produção de uma fotorreportagem, deve-se fazer: pesquisa documental sobre o assunto que será abordado na reportagem, organização de materiais que serão utilizados, meios de entrar em contato com as fontes, entrevistas, formulação de pautas, produção de textos, e edição final de todo material coletado.

Sousa (2002) aponta que as *picture stories* se baseiam em cinco tipos diferentes de fotografias: (1) planos gerais globalizantes em que participam os principais elementos significativos, (2) planos médios e de conjunto das ações principais, (3) grandes planos e planos de pormenor de detalhes significativos do meio, dos sujeitos e das ações, (4) retratos dos sujeitos, e (5) fotografia de encerramento.

Na primeira definição de fotojornalismo de Passos, estão presentes categorias tais como o *spot news* e *features photos*. As imagens que se encontram dentro dessas categorias geralmente são imagens únicas de acontecimentos isolados, da cobertura diária da imprensa. Já a segunda definição, mais restrita, engloba o *pictures stories*, categoria que implica “reportagens fotográficas em que as imagens evocam uma

sequência e englobam a possibilidade de reunir todos os outros gêneros” (PASSOS, 2012, p.57).

A partir desse sentido mais restrito do fotojornalismo e dentro da categoria estabelecida por Sousa (2004) de *pictures stories*, depreende-se uma compreensão de reportagem fotográfica composta por uma sequência de imagens produzidas a partir do planejamento de uma pauta. Residiria nessa capacidade de pautar o poder de tornar pública uma realidade oculta e/ou ignorada pela maioria das pessoas. A pesquisadora Susan Sontag aponta que “as fotos são meios de tornar ‘real’ (ou ‘mais real’) assuntos que as pessoas socialmente privilegiadas, ou simplesmente em segurança, talvez preferissem ignorar”. (2003, p.12). A fotografia, então, ao tornar real, comprova que determinada realidade existe.

Apesar da imagem ser também um documento válido para a história, muitos teóricos da fotografia, como Roland Barthes (2015), defendem o caráter de (re)construção não objetiva presente em toda fotografia. A fotografia representa um recorte da sociedade ou de um fato, situação, e portanto pressupõe várias escolhas realizadas quando o fotógrafo decide enquadrar uma coisa em detrimento de outra, ou seja, a escolha pressupõe uma carga cultural inerente ao fotógrafo, não isenta de opiniões na produção. A fotografia então se constitui não na realidade objetiva, mas em uma forma de olhar, registrada pela ação humana em associação a processos técnicos. Outros autores, como Berger (2017) e também Machado (2015), chamam atenção para essas discontinuidades entre a fotografia e a realidade fotografada (uma ‘dupla violência’) ou para o caráter construído, ideológico e histórico do ponto de vista e da perspectiva – olhares teóricos justamente mais abrangentes ou mesmo externos ao campo profissional do jornalismo.

O que tal visada teórica destaca é que a “realidade” que a fotografia retrata não é imparcial e não está livre das intenções do indivíduo que faz o recorte de um determinado acontecimento. A produção de um registro pressupõe uma série de escolhas do fotógrafo, portanto a realidade nunca será registrada em sua totalidade, elementos serão deixados de lado. Uma foto então será sempre a imagem que alguém escolheu já que “fotografar é enquadrar, e enquadrar é excluir” (SONTAG, 2003. p. 42).

O pesquisador Derval Golzio (2013) explica que o fotojornalismo se fortalece no Brasil dentro da revista O Cruzeiro, que a partir do ano de 1944 fez que o repórter fotográfico trabalhasse junto com um repórter de texto na produção de histórias.

Antes mesmo da primazia que a fotografia encontraria na revista, sua utilização nos jornais diários de conferir um caráter de testemunho mudou a forma do fazer jornalismo. “Entre elas a de que o texto, sem o apelo testemunhal da imagem fotográfica, não era suficiente para os leitores, consolidando espaço importante à informação visual” (GOLZIO, 2013, p. 36).

A partir da experiência da revista O Cruzeiro de juntar as duas linguagens, pode ser percebido que o apelo que a imagem trazia ao público era, em alguns casos, superior ao texto. “É a partir desse novo modelo de apresentação de imagens fotográficas que se pode estabelecer o conceito de reportagem fotográfica. Trata-se de relatar os fatos através da sequência de imagens” (GOLZIO, 2013, p.118).

Sobre a composição de uma reportagem fotográfica, a autor indica que deve trazer “detalhes, expressões e, sobretudo, a exposição do contexto onde ocorre o fato. Um relato visual que, ainda dependendo do suporte textual, garante ao leitor que o fato existiu” (GOLZIO, 2013, p.119). Somado a essas indicações, Peruzzolo (2008) indica que a narrativa de uma reportagem fotográfica surge da sequência de episódios acontecidos em certo lugar “que apresentam fatos, personagens e/ou ambientes” (2008, p.72).

Golzio (2013) indica a pauta como um importante elemento que influencia no resultado final da fotografia jornalística. A pauta, além de ser uma indicação de como os redatores querem que o tema seja abordado pelo fotógrafo, também tem um papel organizacional de guiar o repórter em um determinado tempo e espaço, ou seja, indicar onde ele deve estar e o que deve fotografar. A pauta deve servir como um guia para o fotógrafo que o ajude a organizar o tema e como os elementos devem ser abordados. A pauta passa a “condicionar a forma de registrar, ou adiantar o que deve ser o resultado do labor fotojornalístico no teatro de operações para evitar desperdícios e mal gastar o tempo” (GOLZIO, 2013, p. 83).

A pauta, como elemento fundamental para a produção de uma reportagem fotográfica, também auxilia na elaboração de uma narrativa, ou seja:

um fio condutor ou corpo de narração que movimenta uma ação ou fatos. [...] As narrativas são tessituras que, ordenando fatos diversos e temporalidades distintas, produzem significados e conferem sentidos a experiências vividas e a devires possíveis. Todo relato fala de modos de ser humanos, das relações entre eles, seus enfrentamentos e suas realizações, seus sonhos e seus interesses. (PERUZZOLO, 2008, p.72-73).

Na ideia da pauta como um guia de uma reportagem fotográfica, uma das suas funções centrais é indicar o enquadramento que o jornalista deve fazer do ambiente observado, em vista a impossibilidade da apreensão total da realidade e a dificuldade de ser totalmente objetivo. É necessário então enquadrar a realidade possível de ser compreendida. “O enquadramento é uma forma de implicação do observador naquilo que ele vê, quer dizer, é pelas seleções do que enquadrar, do ângulo melhor e mais sugestivo, que o enunciador constrói o seu mostratário” (PERUZZOLO, 2008, p.70).

Peruzzolo (2008) vai além da tentativa de definir o fotojornalismo e busca suscitar reflexões sobre os princípios que guiam essa prática jornalística. “Na sua forma vivencial, elas respondem a expectativas, necessidades, desejos, interesses, tendências e preocupações do fundo dos indivíduos de uma sociedade, de modo que os sentidos das imagens estão sempre enrolados em axiologias culturais” (2008, p.66). Para Peruzzolo, o fotojornalismo além de seu caráter informativo e de crônica social, também pode ser uma atividade artística, pela exploração de técnica visual; e de memória histórica, pela documentação de um acontecimento.

Como um serviço à sociedade, o fotojornalismo deve se preocupar com a recepção e compreensão dessas imagens pelo público.

Uma foto jornalística somente é realmente boa quando o espectador a compreende e a utiliza como alavanca interpretativa e reforçadora para aquilo que os conteúdos verbais oferecem de maneira analítica, quando representa a síntese das informações ou o ápice das tensões envolvidas na representação, quando se aproxima do 'instante decisivo' (PEDROSO, 2008, p.43).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O movimento de organizar alguns pensamentos de autores clássicos do jornalismo se apresenta como estratégia importante para compreender o que caracteriza uma reportagem fotográfica como produto jornalístico, que mesmo com características próprias de produção, se constitui como linguagem que pode ser explorada para contar histórias.

O avanço na área torna-se mais promissor quando organizamos os pensamentos de autores já legitimados na área em relação com novos textos contemporâneos que discutem o fotojornalismo em diferentes perspectivas, de modo que essa organização de referências auxilia a estudar modos de produção de um produto experimental em fotografia, que se mantenha ancorado aos princípios básicos do jornalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Luiz. **Jornalismo: matéria de primeira página**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**: história da imprensa brasileira. 4.ed.rev. e aum. São Paulo: Ática, 1990.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: notas sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. São Paulo: Leia, 1969.

_____. **Iniciação a filosofia do jornalismo**. São Paulo: Edusp, Com - Arte, 1992.

_____. **Teoria e prática do jornalismo**. Adamantina: OMNIA, 2006.

BERGER, John. **Para entender uma fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

GOLZIO, Derval. **Fotografia e imprensa**: breve itinerário sobre usos e tecnologias. Joao Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamento da Ciência dos Jornais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MACHADO, Arlindo. **A ilusão especular**: uma teoria da fotografia. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.

PASSOS, Lúcio Kurten dos. **Produção de sentido em fotografia**. União da Vitória: Uniuv, 2012.

PEDROSO, Elson Sempé. Reflexões sobre a fotografia no jornalismo impresso. In: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo ; PICCININ, Fabiana (Org.). **Edição de imagens em jornalismo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008. p. 40-62.

PERUZZOLO, Adair C. O olhar cotidiano: estratégias sob a imagem. In: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo ; PICCININ, Fabiana (Org.). **Edição de imagens em jornalismo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008. p. 63-88.

SCHOENHERR, Rafael. **A Imagem da música no espaço público em Ponta Grossa (PR) de 2010 a 2014**: implicações geográficas do fotojornalismo cultural. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEPG. Ponta Grossa: UEPG, 2017.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma História crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

_____. **Fotojornalismo**: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.